

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

A INTERFACE PSÍQUICA: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICOLOGIA E A I.A¹

THE PSYCHIC INTERFACE: A DIALOGUE BETWEEN PSYCHOLOGY AND A.I

Luís Filipe Maia da Rosa²

¹ ESCRITA DESENVOLVIDA POR ALUNO DA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

² Aluno do curso de graduação em Psicologia, filipe00200@gmail.com

INTRODUÇÃO

Tal qual nos filmes de ficção científica, o futuro vem chegando acompanhado de dúvidas e questionamentos que põe em xeque as bases da nossa civilização. Ao mesmo tempo demonstra o limiar no qual se encontra a espécie humana, no aflorar do século XXI, vivendo mudanças radicais que transformam seu modo de viver, produzir e relacionar-se em sociedade.

A Inteligência Artificial (I.A) vem se mostrando como a nova fronteira do conhecimento em todos os aspectos, pois olhar o horizonte de possibilidades que virão junto dela, mostra o quão revolucionárias vão ser as alterações no mundo. O futuro se revelará com duas unidades binárias, cegas, surdas e mudas, sem calor e sem afeto, apenas com simulações e reproduções das respostas humanas, que seus criadores lhes impuseram em seus cartões de memória?

Pode-se levantar mais questionamentos do que certezas observando as Inteligências Artificiais que pretendem, por intermédio de seus criadores, imitar ou, até mesmo, superar as inteligências biológicas, orgânicas e sociais. Nisso deve-se ver a importância da psicologia na reflexão sobre as Inteligências Artificiais, pois (WILD, MAURENTE, MARASCHIN & BIAZUS, 2011 p.149) ela envolve o estudo e a construção de sistemas computacionais capazes de realizar tarefas complexas que, normalmente, só os cérebros humanos são capazes de realizar.

Os encantamentos tecnológicos não podem servir como catalisadores para a definição do conceito de ciência tal qual se vê no Brasil atualmente. Por isso deve-se destacar o papel das diversas outras áreas de conhecimento no estudo desta nova realidade. A psicologia deve vir como uma grande fomentadora de debates e interações multidisciplinares no que se refere ao desenvolvimento das Inteligências Artificiais.

Palavras-chave: Revolução tecnológica; Ciências Humanas; Multidisciplinaridade.

Keywords: *Technological revolution; Human Sciences; Multidisciplinarity*

METODOLOGIA

A metodologia que foi utilizada para este trabalho foi a de uma pesquisa bibliográfica construída a partir da averiguação de livros das mais diversas áreas como *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano, *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia* de Ana Mercês Bahia Bock,



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

Maria de Lourdes Trassi Teixeira e Odair Furtado e *Filosofia da Crise* de Mário Ferreira dos Santos. Além de artigos científicos na base de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* com o intuito de encontrar materiais acadêmicos que expusessem o tema: Inteligência Artificial e Psicologia, ou que, de forma geral, contivessem conceitos importantes sobre a I.A. Além desta base de dados, foi utilizado também a biblioteca de artigos da *Google Research* com o objetivo de encontrar, numa das maiores fomentadoras de inovação tecnológica, trabalhos e pesquisas que ajudassem como guias para este escrito. Os textos acadêmicos que foram selecionados para fazerem parte deste, foram os que traziam esta temática em seu conteúdo. Este rumo metodológico não levará em conta uma análise rígida das obras, pois possibilita a reconstrução e interpretação dos caminhos teóricos que os autores aqui permitem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a Máquina de A. Turing, o mundo tem se perguntado: é possível fazer uma criação tecnológica pensar? Em 1956, Marvin Minsky junto de outros companheiros promoveram um seminário histórico onde cunharam o termo Inteligência Artificial. Este simpósio foi o marco inicial no desenvolvimento da I.A como uma matéria de estudos que aplicava os conceitos de diversas disciplinas como a informática, a lógica, a engenharia, a linguística e a psicologia. Nas palavras de Minsky a I.A deveria “fazer as máquinas fazer coisas que exigiam inteligência se fossem feitas por homens” (1968, p.5, apud ABAGGNANNO 2012, p. 659).

Porém, o modo de compreender as I.A não se fixou apenas no de Minsky (ABAGGNANNO 2012, p. 659). Com o crescimento das discussões sobre esta temática surgiram duas grandes vertentes que definiram a I.A como forte e fraca. A forte diz que as inteligências criadas e implantadas em *softwares* e *hardwares* devem tentar reproduzir seres eletrônicos que não seriam distinguíveis dos humanos. Já a fraca é mais simples e busca somente possibilitar o uso de computadores para desempenharem atividades de forma semelhante ou até mais aprimorada que os seres humanos.

A I.A fraca pode ser vista no cotidiano (KOENIGKAM-SANTOS, et al. 2019 p. 388) nas formas de *machine learning* (aprendizado das máquinas), apresentadas pelos smartphones, que assimilam os padrões dos usuários, permitindo assim que os aparelhos aprendam de forma mais rápida, evitando erros e possibilitando previsões. Um exemplo chocante para muitos é a questão da publicidade que, por captar os dados de navegação e os interesses do usuário, apresenta propagandas bem mais direcionadas, tornando comum exclamações como “os aparelhos estão nos ouvindo”, devido ao fato de surgirem anúncios bem mais específicos para cada pessoa, do que se estava acostumado nos antigos meios de publicidade.

Já a I.A chamada de forte, também pode receber outros nomes como (TEIXEIRA & QUILICI GONZALES, 1983 p. 46) Simulação Cognitiva, e tem por objetivo criar e simular – como o próprio nome já demonstra – a cognição humana, possibilitando que máquinas tenham autoconsciência. O Processamento de Linguagem Natural (PLN) é um exemplo disso, pois nesta subárea da I.A os desenvolvedores se debruçam sobre a linguagem humana e tem o objetivo de possibilitarem que as máquinas não só entendam o que os homens dizem ou escrevem, mas sejam capazes de produzir respostas e textos sem a necessidade de códigos programados antes pelos seus criadores.

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

Não obstante, a consciência não é a execução de um código e este processo é bem mais complexo que instalar um *software* em uma caixa de metal e esperar que esta vire uma máquina pensante e consciente. Além disso o que é a faculdade-propriedade consciência? Não é possível defini-la com a precisão requerida pelas ciências naturais. Tais ciências lidam com teorias laboratoriais e buscam chegar ao ponto de não ter mais dúvidas, algo que se torna impossível levando em conta que o que chamamos de consciência é, em uma de suas definições abstratas, um resultado da relação entre a mente e o mundo (QUARESMA, 2019, p.3).

Tendo em conta estas questões, a consciência, que por hora parecia um ideal alcançável para as máquinas, assim como é nos homens, se perde no ar das possibilidades e se vê envolta de uma névoa escura de interrogações. A consciência não é produto de um aparelho que pode ser repetido facilmente em laboratórios ou em oficinas de desenvolvimento robótico – talvez nem seja possível chegar nesse ponto –, já que nem para os humanos, que são dotados de consciência, é fácil a resolução dos problemas relacionados a ela.

Como então se definiria algoritmicamente questões filosóficas e psicológicas sobre a existência? Como ensinar uma máquina a compreender afetos, sentimentos e emoções se nem aos humanos é totalmente possível? Para que estas questões sejam brevemente explicitadas deve-se perceber que o cérebro humano não é como uma máquina, o que demonstra a impossibilidade de aplicar métodos reducionistas que interpretem o humano não como um ser, mas como uma coisa. “E o motivo disso é relativamente simples, como lemos em Edward Wilson (1999, p. 83), já que ‘os organismos e suas montagens são os sistemas mais complexos conhecidos’, e relativamente pouco compreendidos, o que dificulta ainda mais o êxito pleno de tal projeto” (QUARESMA, 2019, p.4).

Deste modo, aqui se chega a um ponto onde a psicologia não é mais uma peça decorativa nos espaços de desenvolvimento das Inteligências Artificiais, mas sim necessária para a reflexão e aprimoramento destas ideias. O problema da consciência nas máquinas inteligentes é uma das pedras no sapato dos desenvolvedores que precisam de auxílio das diversas outras áreas para que tais problemas sejam resolvidos, uma vez que a psicologia é a matéria que propriamente estuda a consciência na subjetividade humana (BOCK et al. 2001, p. 120).

Levando em conta as ideias da I.A forte, campo de estudos que pretende refazer a consciência humana em máquinas e possibilitar que elas pensem como nós, a psicologia pode ser uma grande aliada no desenvolvimento tecnológico consciente, tanto no sentido de que esta é a matéria que estuda tais questões sobre a inteligência e consciência a mais tempo – tirando a filosofia –, quanto no sentido de que a psicologia pode sustentar reflexões que evitem problemas maiores para a humanidade, já que não irá olhar para o humano no sentido materializado, como mero objeto de pesquisas, mas sim como sujeito que irá fazer parte da transformação da realidade, que se dará com o desenvolvimento de novas e mais potentes Inteligências Artificiais.

O mundo passa por transformações e deve ser transformado, mas de forma a humanizar os seres e não a coisificar o humano. A psicologia precisa dialogar com a I.A, não para um mero cumprimento de obrigações formais das instituições que desenvolvem estas máquinas, mas por uma verdadeira compreensão de que estas grandes inovações vão causar impactos na vida de muitos e as ciências humanas, num geral, devem se fazer presentes para que os reflexos dessas alterações na forma de ser humano sejam as mais benéficas possíveis.

Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

CONCLUSÃO

Assim como nomeou o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos, o homem é um incansável interrogador e não seria humano se não fosse pelas interrogações (DOS SANTOS, 2017, p.42). Esta característica fez que os europeus no século XIV cruzassem os limites do mundo de sua época, que as máquinas a vapor fossem criadas, que os computadores fossem moldados por Turing e tantas outras mudanças revolucionárias em cada uma de suas épocas, desde o período Quaternário até os dias atuais, onde a criação de máquinas pensantes se faz como uma nova fronteira que estimula o desenvolvimento tecnológico e faz com que cada vez mais se busque desafios, interrogações novas, já que este ímpeto humano nunca silenciara.

Porém, nesse afã da evolução tecnológica, questões humanas não podem ser jogadas de lado, como em muitos eventos históricos do passado foram feitas. Não se precisa repetir conflitos como os que ocorreram durante a Revolução Industrial do século XVI. E, para isso, torna-se necessário o desenvolvimento de pesquisas sobre as Inteligências Artificiais de forma conjunta com outras áreas que não estão ligadas diretamente ao desenvolvimento tecnológico, mas ao desenvolvimento humano e são essenciais, uma vez que a cada revolução técnica novos meios de se fazer humano são criados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAGNANNO Nicola: “**Dicionário de Filosofia.**” 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BOCK Ana Mercês Bahia, FURTADO Odair & TEIXEIRA Maria de Lourdes Trassi: “**Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**” 13º ed. – São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

DOS SANTOS Mário Ferreira: “**Filosofia da crise**” 1ª ed. – São Paulo: É Realizações, 2017.

KOENIGKAM-SANTOS Marcel, FERREIRA-JÚNIOR José Raniery, WADA Danilo Tadao, TENÓRIO Ariane Priscilla Magalhães, NOGUEIRA-BARBOSA Marcello Henrique & AZEVEDO-MARQUES Paulo Mazzoncini: “**Inteligência artificial, aprendizado de máquina, diagnóstico auxiliado por computador e radiômica: avanços da imagem rumo à medicina de precisão.**” radiol bras. 2019 nov/dez; 52(6):387–396.

QUARESMA Alexandre, 2019: “**Inteligências artificiais e o problema da consciência.**” PAAKAT: Revista de Tecnología y Sociedad, [S.l.], n. 16, feb. 2019.

TEIXEIRA João de Fernandes & QUILICI GONZALES Maria Eunice: “**Inteligência Artificial e teoria de resolução de problemas.**” Trans/Form/Ação, São Paulo, 6: 45-52, 1983.

WILD Rafael, MAURENTE Vanessa, MARASCHIN Cleci & BIAZUS Maria Cristina: “**Coisas**



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

que as pessoas sabem’: computação e territórios do senso comum.” *scientiæ studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 149-66, 2011.